

Paulo de Tarso

Grego e Romano, Judeu e Cristão

José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel,
Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues (coords.)

DE TARSO NA CILÍCIA À ROMA IMPERIAL. A EDUCAÇÃO DE SAULO

ABEL N. PENA

Universidade de Lisboa

Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa

As primitivas tradições hagiográficas e a própria iconografia paulina deixaram para a posteridade a imagem de um Paulo intelectual, um *philomatheis* «envolto numa toga como qualquer retor ou filósofo pagão, transportando os rolos de doutor e calçando sandálias como um homem de letras»¹. O objectivo deste estudo é averiguar os fundamentos desta tradição, reconstituindo algumas das etapas da educação de Saulo, primeiro em Tarso, sua terra natal, depois em Atenas e Corinto, até à épica viagem que o leva à Roma Imperial.

Tarso na Cilícia

Em frente da costa da Ásia Menor desenha-se um quase triângulo de terra situado entre altas montanhas que se estendem para o sul: é a Cilícia. Não longe da costa mediterrânica, junto às margens do Cidno, situa-se Tarso, uma cidade «não sem renome» segundo a narrativa dos Actos 21,37-40. Em 67 a.C., a cidade foi anexada à recente Província romana da Cilícia, da qual se tornou capital administrativa. Em 51 a. C., teve como procônsul Marco Túlio Cícero. Depois da morte de César, Marco António deslocou-se à Cilícia para contemplar do alto do Tauro metade do seu império. Diz-se que Cleópatra foi ter com ele, transportada num barco de velas de púrpura e remos de prata ao longo do Cidno e ambos ali passaram uma parte do seu idílio. Ainda hoje se pode admirar a célebre «Porta de Cleópatra», um dos *exlibris* de Tarso. Depois da batalha de Áccio em 31 a.C., os habitantes de Tarso não esqueceram o prestígio que Marco António e Cleópatra tinham trazido à cidade. Segundo Estrabão, a reacção à morte dos dois amantes foi violenta, tendo havido revoltas e tumultos que se prolongaram até ao tempo de Tibério².

Helenizada durante a longa dinastia dos Selêucidas, que mantinham como padrão cultural as tradições, a literatura e a língua gregas, bem como um sentimento de autonomia profundamente enraizado, Tarso era, no século I, um dos eixos do comércio internacional entre o mundo semita, o planalto anatólio e as cidades gregas viradas para o Egipto e a Europa. O solo era fértil e o Cidno constituía uma via fluvial altamente estratégica para o comércio do trigo e

¹ Baslez, 2008, 37.

² Estrabão 14.14; Apiano, *BC* 4.52.60.64; Filóstrato, *VA* 1.12.

do linho provenientes do Egípto. Díon de Prusa (40-120 d.C.) refere que o artesanato têxtil florescia sumptuosamente em Tarso, assim como o comércio de perfumes e aromas de alta qualidade³. As cidades municipais helenizadas da Ásia Menor gozavam de grande autonomia administrativa e na época imperial constituem os principais centros da vida cultural grega. Promovia-se o liberalismo e reconhecia-se publicamente o poder de iniciativa dos cidadãos em todo os domínios bem como a prática do mecenato cultural, modelo de desenvolvimento cuja tradição remonta aos diádocos e epígonos de Alexandre Magno⁴. Esta demonstração pública (*apodeixis*) do poder dos cidadãos traduzia de certo modo a antiga tradição grega do *agon*, o espírito competitivo dos helenos, e está hoje bem documentada em papiros, pergaminhos, ostraca ou inscrições numerosas encontradas em várias regiões do antigo império de Alexandre (Wolff 1973, Pestman 1974). Seguindo esta política de helenização, a administração romana das províncias da Ásia dava uma importância crescente à educação. Nestas regiões qualquer cidade possuía escolas públicas. Mesmo nos mais pequenos centros rurais havia escolas primárias, como confirmam os decretos escolares de Mileto e Teos. O sistema de ensino era oneroso, mas gratuito. Ginásios e palestras, financiados por evergetas, tornaram-se os principais centros do ensino básico e secundário atraindo sofistas, filósofos e poetas em busca de auditório. Concebidas em modelos arquitectónicos adaptados ao ensino moderno, dotadas de exedras, pórticos e bibliotecas, estas instituições eram presididas pelo *gymnasiarchos* que tinha a responsabilidade de educar os *paides*⁵.

Pela sua posição estratégica, a cidade de Tarso era um dos grandes centros culturais do Oriente helenizado que concorria com outras cidades da Ásia Menor e do Oriente, Pérgamo, Teos, Cós ou mesmo Alexandria. O ensino procurava imitar a universidade de Atenas, mantendo em vigor o modelo de ensino superior ateniense. Estrabão elogia a qualidade da educação em Tarso que tinha a terceira melhor universidade da Grécia a seguir a Atenas e Alexandria. Todos os ramos das artes liberais figuravam em Tarso: poesia, retórica e filosofia, esta sobretudo com forte ascendente na tradição estóica local. O geógrafo alude a esses filósofos estóicos que deambulavam pelas ruas de Tarso, mas acentua que o meio intelectual, mais propenso à educação física que intelectual, carecia de solidez institucional, tornando-se pouco atractivo e os professores não sabiam cativar os melhores alunos⁶. Contudo, nomes sonantes das correntes filosóficas estão ligados a Tarso. Da sua escola estóica

³ *Discurso em Tarso* (94), 21-22.

⁴ Billows, 2008, 209-211.

⁵ Will, Mossé, Goukowsky, 1985, 508-513.

⁶ Estrabão 14.5.13.

é natural o filósofo Atenodoro, tutor de Augusto e mais tarde seu conselheiro. Segundo Filóstrato, Apolônio de Tiana, filósofo neopitagórico e itinerante, contemporâneo de Paulo, ensinou filosofia em Tarso, viajando depois até à Índia⁷. A tradição retórica de Tarso manteve-se viva pelo menos até ao século II, com Hermógenes de Tarso, continuador dos *Progymnasmata* de Téon, cujo modelo oratório radicava em Platão, Xenofonte, Isócrates e Demóstenes.

Segundo H.-I. Marrou, o modelo de educação era bastante parecido entre gregos e romanos ou melhor a educação romana não era senão uma adaptação da educação helenística que, por sua vez, diferia da escola grega clássica⁸. O sistema educativo helenístico prepara o indivíduo para ser um cidadão do mundo, implementando a *sophrosyne*, a moral da justa medida e do equilíbrio, conveniente e digna de um homem livre. O sábio helenístico não reflecte a *polis*, nem está preso à cidade, pensa no universal, é um cidadão essencialmente cosmopolita, Grego, Romano, Judeu ou Cristão. Estes preceitos simples cumprir-se-ão mais tarde no filo-helenismo apaixonado dos imperadores Adriano e Juliano num derradeiro esforço de síntese cultural que aliava a *paideia* grega às virtudes fundamentais romanas: *fides*, *gravitas*, *constantia*, *fortitudo*. O modelo de educação compreendia três etapas, três escolas e três mestres: aos sete anos a criança entra na escola primária e aprende o alfabeto de trás para frente e da frente para trás com o *grammatistês* correspondente ao *magister ludi* (mestre-escola) latino⁹; aprende a utilizar o estilete e a pena, aprende aritmética e decora máximas morais de dois ou três versos. Aos doze anos, a secundária, a escola do *ludus literarius* ou *grammaticus*. A escola secundária segue as grandes reformas da escola helenística que consistia no estudo teórico da boa língua e na explicação dos poetas clássicos, especialmente os textos homéricos que a partir dos sofistas são uma enciclopédia de referência. Os estudos literários, a retórica e a língua assumem um papel central nesta educação. Quanto ao ensino da música pouco se sabe. Um decreto de Teos refere-se à contratação de «professores de letras» e a um citarista encarregado de ensinar *ta mousika* e a técnica de instrumentos musicais para fins recitativos e dança coral¹⁰. Na Cilícia, como noutras províncias helenizadas do império, um estrangeiro de boas famílias devia aprender a ler e a escrever o latim e o grego, este sobretudo, com a sua pronúncia ática e as regras de acentuação livres de toda a corruptela. Por sua vez, o modelo greco-romano implementava o ensino correcto (*orthoépeia*) da gramática¹¹. Convém recordar que a crítica textual e os estudos gramaticais sofreram um incremento considerável na época helenística, nas

⁷ Filóstrato, *V. Ap.* 4.19.

⁸ Marrou, 1948, 63-64.

⁹ Aristóteles, *Pol.* 8.2, 1337a, preconizava a educação compulsiva aos cinco anos.

¹⁰ Will, Mossé, Goukowsky, 1985, 509.

¹¹ Veja-se Clark, 1966, 59ss.

escolas de Alexandria e Pérgamo. No século II a.C., Dioniso Trácio compôs a sua *Téchne grammatiké* que se impôs como manual de referência das escolas. Ao dividir a gramática em seis partes, este discípulo de Aristarco contribuiu decisivamente para o ensino científico da gramática grega que se divulgou pelo mundo helenístico.

A partir dos quinze anos, quando o jovem (*meikáron*) atinge a adolescência, entra na escola do retor, sendo os estudos superiores prolongados até aos vinte anos quando o jovem atingia a categoria de *neos*. Entre os gregos atenienses, o *neos* compreendia uma idade entre os dezanove e os vinte anos, mas podia ir até mais tarde. A dificuldade está em saber se o termo *neos* tinha o mesmo significado entre as comunidades judaicas do século I que tradicionalmente consideravam maior de idade um rapaz de treze anos.

Saulopedia ou a educação de Saulo

Segundo os Actos, 21;22,3, Saulo era filho de um emigrante judeu fixado em Tarso. Teria deixado a Palestina por altura das guerras de Pompeio (60 a.C.) e viajado até à Cilícia através da Via Egnatia, estrada romana que ligava o Mar Egeu ao Adriático, a Ásia à Itália, passando pela cadeia rochosa do Tauro. A família de Saulo pertencia à tribo de Benjamim (*Rom.*, 11,1), esse guerreiro mítico e vitorioso, fundador da realeza no séc. IX¹². Era certamente de uma família de letrados, da seita dos fariseus, sujeita a estritas observâncias religiosas, mas intelectualmente receptiva e aberta, mesmo às correntes da filosofia estóica, tendo promovido uma elite de escribas e exegetas da bíblia em oposição ao tradicionalismo da casta sacerdotal¹³. Ao certo, porém, pouco se sabe da família de Saulo, nem do seu tão falado nome gentílico, e as controvérsias em torno de um suposto *Iulius*, um notável de Tarso membro da sua família, cujo privilégio de cidadania fora outorgado por César, Octávio Augusto e Tibério, devem ser lidas com circunspeção. O jovem Saulo terá recebido uma educação hebraica no meio familiar e na sinagoga, estudando a Bíblia e aprendendo o hebraico e talvez o aramaico, e frequenta simultaneamente a escola grega. Em Tarso como noutras capitais de província o percurso escolar grego ou romano não era muito diferente do judeu e a família ter-se-á socorrido dos serviços de um escravo culto como era costume e terá frequentado a escola do *grammaticus graecus* conduzido pelo *paedagogus* que na época helenística assumia cada vez mais o papel de

¹² *1Sam* 9,10; *1Reis* 9.

¹³ Ao longo da época helenística, os fariseus destacaram-se por terem promovido uma elite de escribas e exegetas da bíblia. Oponham-se ao tradicionalismo radical da casta sacerdotal argumentando que qualquer homem dotado de inteligência era capaz de interpretar a Tradição e as Leis. Paulo diversas vezes fará eco desse conflito (*1Cor.* 14,13 e 28).

educador, não apenas de escravo acompanhante. Não é improvável que tenha tido uma iniciação à música instrumental e por isso alude à lira, à cítara e à trombeta, embora segundo H.-I., Marrou, o *aulós* estivesse cada vez mais ausente das competições escolares desde o século II a.C., seguindo, aliás, o conselho de Aristóteles¹⁴. Por volta dos quinze anos, Saulo terá recebido a toga viril e um nome civil completo com os *tria nomina*. O Apóstolo nunca se refere aos *tria nomina*, designando-se sempre por *Paulus*, nome eventualmente latinizado do hebreu ou, por assimilação fonética, da forma helenizada *Saoulos*, mas que foi mal entendido pelas comunidades judaicas helenizadas. De qualquer modo a mudança de nome era uma prática onomástica corrente, um traço característico da influência helenística entre os Judeus da Diáspora e um sinal de interacção social, moral e cultural, como refere Filon de Alexandria a interpretar o significado da mudança de nome de grandes figuras bíblicas¹⁵. Por outro lado, o nome podia ser adoptado de uma figura ilustre, pois desde o fim da República até ao reinado de Cláudio era prática corrente um cidadão poder escolher o nome de um patrono influente ou de um mecenas que o fizesse singrar na administração, bastando para tal ser cidadão romano e exprimir-se em latim. Ora, o estatuto de cidadão romano era um privilégio apenas concedido a uma elite de quatro ou cinco milhões de romanos, mas Saulo parece ter adquirido consciência desse ideal arcaico e colectivo que desde o berço consagra o indivíduo ao Estado, ao proclamar diante do Governador da Judeia o seu estatuto de *Civis Romanus Sum*, um direito que fará prevalecer no Oriente e na Grécia e que o levará prisioneiro a Roma¹⁶.

Além da sólida formação clássica adquirida em Tarso nos seus primeiros anos, nomeadamente filosófica e retórica, Saulo era um poliglota. Embora a questão seja controversa por falta de documentação fidedigna, terá aprendido latim, mas seguramente falava e escrevia grego, essa língua comum ou *koiné* da época helenística. Domina o chamado *code-switching*, isto é, passa de um a outro registo linguístico ou, para utilizar uma expressão consagrada por Horácio,

¹⁴ Marrou, 1948, 89ss.

¹⁵ Filon (*Mut*, 59-65). Em *Rom*, 16,7.15, Paulo refere-se a um irmão, chamado Rufo, apelido frequente no império romano, provável nome romanizado do hebraico «Reuben»/Ruben. Da mesma maneira fala de Andronico e de Júnia, nomes também helenizados e membros da sua família. Sobre o assunto, veja-se Rutgers, 1995, 170.

¹⁶ Ser cidadão romano não era, só por si, prova de imunidade, até porque a prova de identidade era um dos problemas mais espinhosos que se punha a qualquer viajante na Antiguidade e disso temos vários exemplos nas narrativas hagiográficas e no romance grego cujo âmbito geográfico é a Ásia Menor e o Egipto helenizado. Só com Marco Aurélio é que as naturalizações começam a ser registadas gerando, no entanto, trocas de identidade e intermináveis confusões burocráticas. Cf. Gagé, 1964, 146-149.

expressa-se em *utraque lingua*¹⁷. O facto é tanto mais relevante quanto se sabe que poucos gregos se interessavam por outras línguas e se aprendiam o latim era por questões administrativas ou atraídos pelo prestígio do direito romano¹⁸. O Apóstolo é considerado um bom aticista, pois não consta que durante a sua permanência em Atenas ou em Corinto alguém lhe chamasse a atenção para faltas de pronúncia. Resta saber se frequentou os estudos superiores em Tarso, estudando retórica e exercitando-se nos *progymnasmata* sobre Homero ou se terá frequentado alguma efébia na cidade?

No Período Helenístico, a retórica tinha por mentor o deus Hermes, guia desses exercícios nas escolas e ginásios. Comprava-o a utilização proverbial da expressão «por Hermes». De facto, no tempo de Paulo, quando alguém dizia «Hermes» significava dizer «discurso», e disso temos testemunho nos Actos, 14,11 e mais tarde em santo Agostinho¹⁹. Depois do seu discurso em Listra, os Licónios, no seu dialecto local, chamaram a Paulo «Hermes», não só devido à eloquência das suas palavras mas devido à forma como construiu e «conduziu o discurso». Os seus dotes oratórios e o tom retórico das suas palavras surpreendem igualmente os Atenienses e os Coríntios com alusões à filosofia de Platão, a Epiménides, um poeta cretense do séc. IV, e ao deus imortal de Cleanto (I,16), esse filósofo estóico que nos legou um dos mais belos hinos a Zeus, do qual se inspirará Epicteto²⁰. É bem provável que as diversas epicleses deste hino, em particular a fórmula de que «somos feitos à imagem de Deus», tenham tocado o coração de um jovem *philomatheis* como Saulo. Tendo atingido a categoria dos *neoi*, isto é, dos «Jovens», termo institucional adoptado pelos Judeus helenizados, mas ambíguo do ponto de vista legal e cívico²¹, Saulo terá prosseguido os seus estudos superiores em Jerusalém na escola de Gamaliel, um dos mestres mais helenizados e liberais do seu tempo. Há quem sustente que o Apóstolo terá deixado a sua cidade natal aos catorze ou por volta dos vinte anos, insatisfeito com as poucas perspectivas intelectuais para um excelente aluno e estimulado pelo pai por motivos religiosos²². Seja como for, o Apóstolo reconhecerá mais tarde o valor do sistema educativo no

¹⁷ *Carmen* 3.8.5; *Sat.* 1.10.20-30. Quintiliano (*Inst. or.*, 1.1.12-14) aconselhará mesmo a aprender o grego antes do latim, com a condição dessa aprendizagem não diminuir ou eliminar a *latinitas*, a *Romanitas* e a *Vrbanitas*; Juvenal (15.110) cantará a universalidade da cultura grego-latina: *Nunc totus Graias nostrasque habet orbis Athenas*. Sobre o bilinguismo, cf. Kaimio, 1979; Nicolas, Leuven-Paris, 1996

¹⁸ Entre os intelectuais gregos bilingues destacam-se entre outros Plutarco (*Lusc.* 1) e Dion Cássio 59.3.1.

¹⁹ *Civ. Dei* 7.14: «sermo ipse dicitur esse Mercurius».

²⁰ Sobre Cleanto veja-se Chapot, Laurot, 2001, 181-183. Sobre a influência da filosofia estóica na pregação de Paulo, cf. Brenk, 2007, 402-440. Sobre a relação entre modelos filosóficos e retóricos e a pregação paulina, consulte-se Meeks, Fitzgerald, 2007.

²¹ Modrzejewski, 2005, 346-348.

²² Baslez, 2008, 47.

qual foi formado, fazendo da *paideia* grega um modelo de educação cristã. Testemunhos da sua formação retórica e do seu talento oratório são, entre outros, o discurso em Éfeso e em Atenas, o discurso contra Cefas em Antioquia, os discursos de teor judiciário diante de Félix e Agripa e uma parte da carta aos Gálatas. Depois da partida para Jerusalém, manteve-se fiel aos ensinamentos da cultura clássica, uma vez que os Judeus da Diáspora conviviam nas mesmas sinagogas expressando-se em grego e em latim. Nesse campo de convergência cultural, Paulo estava bem apetrechado não só no domínio da cultura e das línguas como no campo das novas sensibilidades e descobertas helenísticas que vão da medicina à antropologia, passando pela recuperação de um fundo mitológico clássico reconhecido também como património comum ao mundo dos semitas²³. Na escola de Gamaliel, familiariza-se cedo com a versão grega da Bíblia dos 70 levada a cabo em Alexandria no reinado de Ptolemeu Filadelfo II (283-246 a.C.), e cuja leitura inspirará uma série de conceitos terminológicos como «pecado», «descida», «herança divina», «passagem», assim como o uso de termos técnico-administrativos como «ecclesia», «episcopos» e outros²⁴. O ensino, a aprendizagem e a difusão do grego helenístico, com a sua riqueza dialectal e variantes lexicais fizeram recuar os índices de iliteracia em todas as classes sociais do império, ao contrário de épocas anteriores²⁵. O grego era falado não só pelos judeus helenizados como o Apóstolo Estêvão, mas também nas sinagogas espalhadas por todo o Mediterrâneo, como recorda Fílon de Alexandria que escreve para os seus compatriotas judeus imbuídos de cultura helenística²⁶. Mas nem todos aceitavam esta aculturação sem aquela resistência ancestral que caracterizava certas comunidades da Diáspora. É sabido que o confronto civilizacional entre Hebreus e Judeus de língua grega já vinha de épocas anteriores ao séc. II a.C., e disso mesmo dá testemunho o autor dos Actos, 6, 1, quando se refere aos *tôn Hellenistôn*, àqueles que trocaram a língua materna pelo grego ou que adoptaram os hábitos e os costumes dos gregos. Embora a forma nominal *hellenismós*, derivada do verbo *hellenizein*, seja atribuída a Teofrasto, discípulo de Aristóteles, o primeiro a utilizá-la foi Tucídides (2,68,5) aplicada a «bárbaros», isto é, gente cuja língua materna não era o grego, mas que tinha adoptado a língua grega em contacto com os gregos. Contudo, o alcance histórico-cultural do conceito assume dimensão universal

²³ Ramos, 2009, 27-28.

²⁴ É possível que nesses meios os estudantes tivessem acesso às versões do texto noutras línguas. O papiro de Oxirrinco publicado em 1978 (*POxy.* 46, 3285) fornece prova de que a colecção demótica da Torá fora traduzida para grego no século III a.C., no reino de Ptolemeu II.

²⁵ Como é sabido, a derrota militar em Queroneia em 338 a.C., levada a cabo por Filipe II da Macedónia e seu filho Alexandre, transformou-se numa vitória linguística de Atenas. Alexandre levou o ático até ao Oriente e utilizou-o como língua oficial do império, difundindo-o por todo o Mediterrâneo.

²⁶ Jaeger, 1991, 19.

em plena época helenística com o judeu Jasão de Cirene²⁷. Este eminente professor da escola helenística de Cirene, por volta do ano 130 a.C., refere-se à forma como os governantes gregos de Antioquia queriam impor pela força o helenismo às populações judaicas da Palestina. E o primeiro grande testemunho desse conflito civilizacional encontra-se precisamente no *Segundo Livro dos Macabeus* (2 Mac 4.13), um livro que se reporta à revolta dos judeus sob o reinado do selêucida Antíoco IV (175-164). Mas, independentemente da sua origem e autoria, é de assinalar a sensibilidade linguística e a relevância cultural do termo utilizado pelos Actos, mais do que doutrinal ou teológica, porque o autor dos Actos, sem dúvida influenciado pelos modelos clássicos, é também o primeiro a utilizar o agentivo *hellenistês*, derivado do mesmo verbo *hellenizein*, ou seja aquele que fala grego. No século XIX, o alemão Johann Gustav Droysen (1808-1884) retomou o tema na sua obra monumental, considerando o *hellenismós* um produto resultante de fusão das culturas que se seguiram às conquistas de Alexandre e estabelecendo os limites históricos e políticos da chamada época helenística que vai desde a morte de Alexandre Magno (323) à batalha de Áccio (31 a.C.)²⁸.

Paulo integra no seu *curriculum* alguns dos princípios estruturantes da *paideia* grega desde Homero: o espírito agonístico, a memória e o primado do *logos*. Partilha desse espírito agonístico que preconiza a igualdade das aptidões físicas e das faculdades intelectuais. Com efeito, nos escritos paulinos são frequentes as imagens do atleta em competição, o esforço, a corrida, a coroa do vencedor, o preço do combate. Naturalmente não estamos a ver em Paulo nem um sábio combatente, nem um filósofo hoplita, como o foi Sócrates, mas era certamente um atleta bem treinado no ginásio e na palestra como qualquer outro jovem em meio grego. Sabe-se que as corridas no estádio de Tarso eram frequentes e nas moedas da época encontra-se cunhada a figura de Perseu, o herói fundador da cidade, com o símbolo do corredor e asas nas sandálias. A participação dos Judeus da Ásia nos espectáculos do mundo pagão é um facto bem conhecido²⁹. Em Mileto, por exemplo, os Judeus tinham lugares reservados no teatro e gozavam de vários outros privilégios. Segundo os Actos, 6,9, os Judeus «Libertos» da Ásia Menor, incluindo a Cilícia, gozavam de vários privilégios outorgados pela recente legislação romana que lhes concedia a plena integração na ordem romana.

A formação inicial do jovem estudante tinha por base o exercício da

²⁷ Em Cirene, vigorava a *Paideia* grega, com forte pendor retórico, e a educação física no seu conhecido ginásio.

²⁸ Droysen, 1952-53. Contudo, alguns aspectos da obra de Droysen, como o facto de considerar o helenismo uma simples fusão de culturas entre o Ocidente grego e o Oriente bárbaro, estão hoje claramente ultrapassados.

²⁹ Cf. Robert, 1964, 41-45.

memória e da palavra, dizíamos acima. Saulo aprendeu de cor provérbios e fragmentos de poesia de Menandro (*Thais* 218), do poeta cretense Epiménides, de Arato (*Fenómenos* 5), um poeta natural da Cilícia como ele³⁰, refere-se a Platão e ao estóico Cleanto. Quanto ao *logos*, ao mesmo tempo palavra, razão e inteligibilidade, fazia parte do património cultural dos gregos, era o elemento identitário que distinguia o Grego do Bárbaro como ele próprio afirma: «Ora, se eu não sei o valor da palavra, serei um Bárbaro para aquele que fala e aquele que fala será para mim um Bárbaro»³¹. Mas o *logos* está também associado à liberdade de palavra ou *parrhesia*, essa virtude da idade de ouro da democracia ateniense que designava o direito do cidadão à palavra. Nos *Actos* e no *corpus paulinum*, a *parrhesia* constituir-se-á em paradigma da pregação cristã (*Actos* 2,29), como se pode constatar em várias intervenções de Paulo, nomeadamente no discurso do Areópago (*Actos* 17,16ss), um discurso cinzelado como uma jóia de retórica consagrado ao *agnostos theós*, na controversa expressão de Norden³², discutida e liminarmente refutada por Jaeger³³.

De Atenas a Corinto

Nascido e educado em Tarso, cidade que rivalizava com o modelo universitário ateniense, Paulo, como qualquer outro intelectual, não podia viajar por toda a Grécia sem passar por Atenas onde nunca houve uma comunidade de judeus organizada que o pudesse apoiar. Deixando as comunidades da Macedónia, chega a Atenas desembarcando no porto de Faleros. Era o primeiro grande encontro entre o Apóstolo e a intelectualidade pagã. Paulo sentiu instintivamente a cidade cosmopolita e a efervescência das suas ruas, frequentou escolas filosóficas de estóicos e epicuristas, participou em debates públicos, passeou pelas ruas cheias de gente e de estudantes apressados vindos de várias regiões do império, assistiu a rituais e a cerimónias religiosas marcadas pelo politeísmo e observou não sem irritação o esplendor das estátuas consagradas aos deuses pagãos e a grandeza dos monumentos³⁴.

³⁰ *Act.* 17,28.

³¹ *1Cor* 14,11.

³² Norden, 1974.

³³ Jaeger, 1991, 25.

³⁴ Paulo sente-se vivamente irritado com estas manifestações de idolatria pagã, irritação que demonstra também na sua passagem por Éfeso. Segundo os *Actos* 19,26, um certo Demétrio, um «fabricante de ídolos» para os templos de Ártemis em Éfeso, denuncia publicamente e de forma pitoresca a pregação de Paulo que negava a natureza divina dos ídolos feitos pela mão do homem. A verdade é que alguns pagãos sentiram-se atraídos por esta negação dos ídolos que suportava a pregação de Paulo. Sabemos por Díon Cássio (*Hist. Rom.* 67.14.1-3) que Tito Flávio Clemente e sua mulher Flávia Domitília, ilustres cidadãos romanos, terão sido condenados por «ateísmo» no tempo do imperador Domiciano, não tanto por manifestarem a sua fé cristã, mas por simpatizarem com «certos costumes judeus».

Mas a sua colheita em termos de conversão foi bem magra, o seu discurso no Areópago foi um fiasco, não passando de mais uma diatribe mirabolante de um estrangeiro bizarro e contestatário. O conselho do Areópago não era uma escola filosófica de estóicos e epicuristas, nem uma ágora ou palestra grega, era o principal órgão que na época imperial velava pela integridade do estado, julgava os processos de magia e as causas de impiedade. Na verdade, aos olhos do Areópago, Paulo não passava de mais um *spermológos*, um «fala-barato» a lançar sementes sobre os novos demónios (*xénon daimonion*), embora o seu discurso monoteísta não soasse a delito religioso, uma vez que em Atenas vigorava uma total liberdade de culto e de opinião e só os delitos contra a ordem pública e os deuses tutelares eram punidos por lei³⁵. Apesar de tudo, o discurso do Areópago, com claras alusões à filosofia estóica do deus único, deixará marcas indeléveis na filosofia patrística, pois o cristianismo floresceu desde os seus primórdios em Atenas, um cristianismo à medida da cidade, feito de intelectuais e apologistas que parecem ter surgido da escola estóica³⁶.

Reconhecido o fracasso da sua presença e mensagem naquela *polis* orgulhosa e conservadora, Paulo saiu da cidade acompanhado de alguns convertidos. Nunca mais voltará a Atenas. Dirige-se à opulenta Corinto onde permanece dezoito meses. O principal testemunho de Corinto no tempo de Paulo é Pausânias, o *Periegeta*, esse grande viajante da Grécia cujo testemunho nos deixa impresso na sua *Descrição da Grécia* I, 36, 3; 44, 10³⁷. No tempo de Paulo, Corinto era uma grande metrópole helenística sob administração romana. Saqueada em 146 a.C. pelas legiões romanas, a cidade foi restaurada e repovoada a partir de 44 a.C., por César e Augusto e reconstruído o célebre santuário de Asclépio em torno do qual se reunia uma das maiores festas pagãs da cidade, os Jogos Ístmicos que tinham lugar por alturas da primavera. Nos dezoito meses que passou em Corinto, Paulo familiariza-se com a cidade e os seus costumes, fazendo-se valer da sua arte de «fazedor de tendas». Ali, ao ideal do sábio junta Paulo o retrato do artesão aplicado ao trabalho, resistindo a essa ideologia fisiocrática que se remonta aos heróis homéricos também é partilhada pela generalidade dos filósofos gregos e romanos, à excepção de Epicteto, o desprezo pelo trabalho manual tão ferozmente desqualificado por Cícero no *De officiis* I,42,150-151³⁸. No pleno exercício dessa arte ancestral talvez aprendida

³⁵ Baslez, 2008, 157.

³⁶ Os filósofos Eudoro (séc. I a.C.) e Amónio de Alexandria, contemporâneo de Paulo, partilhavam da ideia de um dualismo cósmico e da existência de um Deus-Uno. Mas os filósofos estóicos mais célebres contemporâneos de Paulo são Musónio Rufo, Séneca e Aneu Cornuto. Desenvolvimento em Ramelli, 2008, 153ss.

³⁷ Cf. Estrabão e Apuleio, *Met.* 10.19-35; 11.8-16

³⁸ Terá sido em ainda em Tarso ou em Damasco (*Gal.* 1,17-18) que aprendeu a arte de «fabricar tendas, tendeiro», profissão a que se refere umas vezes com orgulho em auxílio da sua subsistência, outras com alguma «amargura». Como Judeu fiel à tradição dos seus antepassados

em Tarso, encontramos-lo a trabalhar em Cencres e no mercado de Corinto, sob a tutela de Febo, um patrão (*prostatos*) influente no grande porto de Cencres, perto da cidade. Jerome-Murphy O'Connor reconstituiu de forma pitoresca o ambiente de trabalho de Paulo no mercado recém-construído de Corinto³⁹, concluindo que o seu ateliê se teria transformado numa igreja doméstica, não luxuosa, mas limpa, onde as pessoas vinham ouvir a sua palavra sentadas nas longas tiras de couro e pano espalhadas pelo chão. Entre esses ouvintes contam-se Priscila e Áquila, seus correligionários romanizados, naturais da Ásia Menor e expulsos de Roma pelos éditos de Cláudio⁴⁰. Corinto é uma cidade poliglota, o latim era a língua mais falada e não só pela administração, mas é em grego que Paulo se dirige aos Coríntios (1 Cor., 1,26). Os seus métodos de pregação reflectem a experiência e o fracasso de Atenas. É mais estratégico e parenético. Torna-se mais próximo e persuasivo. Fala mais ao coração do que à razão. Os seus discursos seguem não tanto os artifícios da retórica clássica quanto o modelo litúrgico e o aretológico, que vê no exercício cultural o poder de um deus e no sacrifício a virtude e o supremo destino do homem, mesmo sob a sua face mais trágica. E não terá sido por acaso, porque em Corinto vigoravam ainda alguns dos mais trágicos e perturbadores mitos gregos da Antiguidade: Medeia, Jasão, Sísifo, Édipo. É certo que o culto de Afrodite dava má reputação à cidade e Paulo confrontou-se com prostitutas e proxenetas que exerciam a sua actividade nos bairros do florescente porto de Cencres e nas ruas circundantes ao santuário de Afrodite.

A medicina evoluiu imenso na época helenística, graças sobretudo aos trabalhos de investigação e divulgação de Praxágoras, Herófilo e Erasítrato, eminentes anatomistas alexandrinos do século II a.C., para cuja divulgação em Roma muito contribuíram Asclepiades de Prusa e Dioscórides no séc. I d.C. Em princípio, todo o viajante medianamente culto da antiguidade possuía alguns rudimentos de medicina. Paulo não era excepção. Fosse por curiosidade intelectual ou para testar os seus conhecimentos médicos, Paulo visita o templo de Asclépio, pai da medicina, situado junto à fonte de Lerna, e terá ficado chocado com os numerosos e bizarros ex-voto em terra cozida que aí encontrou: cabeças, mãos, pés, braços, pernas, órgãos sexuais, olhos, orelhas. Não é de excluir que essas imagens tão perturbadoras da anatomia humana tenham sugerido a sua teologia do corpo (*soma*) (1Cor., 12,12-31), ou melhor,

pensa e age como Judeu entre os Judeus, como grego age e pensa como os gregos. A actividade artesanal aproxima e une naturalmente as populações. Por diversas vezes, Paulo dá provas dessa *synergia*, esse ideal corporativista dos mercadores de Tarso que contactam com mercadores helenizados de púrpura em Filipos, tecelões em Corinto, mercadores de lã em Éfeso (*Actos* 16,14; 18,3).

³⁹ Murphy-O'Connor, 2002.

⁴⁰ Provavelmente no nono ano do reinado de Cláudio entre 49 e 50. Cf. Orósio 7.6.15.

a sua antropologia da salvação. É também em Corinto que Paulo introduz o tema da *moría stou staurou* (a loucura da cruz) apresentando-se ele próprio como um *salós* (um louco) talvez como ironia a essa retórica da antífrase tão enraizada nos meios intelectuais de Corinto (1 Cor., 4,10), que a todo o raciocínio opunham um senão, ou talvez porque o tema da *mania* fazia evocar nos seus auditores os grandes mitos da loucura, do absurdo e do desespero consubstanciados nas figuras de Medeia ou Sísifo. Mas o topos retórico de um Cristo crucificado, «loucura para os Gentios», ou a estrutura argumentativa da oração do louco (2 Cor.,11,1-12), como foi chamada, tanto na *dispositio* como na *elocutio*, não bastou para convencer os altivos e empedernidos Coríntios⁴¹.

A escola da vida. Viagem e naufrágio. Roma

A aprendizagem faz-se ao longo da vida, não só na escola. É o que acontece a Paulo, filho de um judeu da Diáspora, sempre em busca da sabedoria em qualquer lugar habitado. Paulo, ele próprio é um viajante infatigável, protótipo do viajante helenístico lançado num *perpetuum mobile*, percorrendo milhares e milhares de quilómetros. Vemo-lo enfrentar os perigos das longas viagens, sobreviver a quatro naufrágios e resistir aos abismos do mar nadando ininterruptamente um dia e uma noite⁴² ou evadindo-se de prisões de forma destemida e algo rocambolesca.

Ao tempo, as viagens por mar eram perigosas e não só de piratas que infestavam todo o Mediterrâneo mesmo depois da forte repressão de Pompeio. Referimo-nos ao naufrágio. O naufrágio está associado ao léxico básico dos périplos marítimos, pertence intrinsecamente à ideia de viagem por mar, viagem que é simultaneamente uma conquista e uma apropriação do espaço desconhecido e não-humano, e, como para Ulisses, o lugar da metamorfose e do homem-memória. Só no *oikos* ou na *ecúmene* conhecida e habitada se pode evitar o naufrágio. Pelo que sabemos por documentos e narrativas da época, podemos reconstituir o que seria uma dessas viagens a bordo de um pequeno navio, com duzentas e setenta e seis pessoas, no fim de Setembro, justamente quando se anunciavam as primeiras tempestades do equinócio e a navegação estava interdita pelas leis do *Mare clausum*. Segundo a tradição neo-testamentária (*Actos*, 28,11-12), depois da sua prisão na Judeia, o apóstolo embarca num navio em Cesareia que o levaria a Roma, seguindo as costas da Síria e da Ásia Menor, até Lesbos. Ele que estava habituado a uma visão

⁴¹ Barret, 1973. Apesar do bom acolhimento que teve, Paulo acabará por ser condenado em Corinto. Entre aqueles que se opuseram à sua condenação encontrava-se o irmão de Séneca, Gálio, que era o primeiro ministro de Nero quando Paulo foi processado em Roma pela primeira vez. Sobre a eventual relação entre Séneca e Paulo, cf. Sordi, 2000, 113-122.

⁴² 2Cor 11,24-26.

estruturada do mundo, bastante limitada ao Mediterrâneo Oriental nas suas primeiras viagens, vê-se agora lançado num périplo desconhecido e sem retorno em direcção à Europa. A primeira grande escala é Sídón, pátria de Cadmo, irmão de Europa, esses heróis míticos e fundadores, cujas efígies circulavam orgulhosamente nas moedas dos Fenícios do século I d.C. Conhecida pelos numerosos templos dedicados a Astarte, Sídón era sobretudo famosa pelo seu *limen*, um porto seguro e bem apetrechado com duas entradas e enseadas bem protegidas contra ventos e marés e contra a pirataria costeira, cujas operações de saque e pilhagem (*syla* e *androlepsia*) constituíam a principal fonte de escravatura na Antiguidade.

A viagem iniciava-se com os votos de boa-viagem (*euploia*) e os rituais e preces dedicados aos *theoi sotêres* (deuses salvadores). O navio alexandrino onde Paulo embarcou depois de uma escala em Mira, na Lícia, tinha como emblema (*parasemon*) os Dióscuros, Castor e Pólux, símbolos da navegação, cujo culto era comum entre os navegadores da época greco-romana⁴³. As condições em que viajavam os passageiros (*epibatai*) eram precárias. Os navios não dispunham de cabines para passageiros e estes deviam ocupar um espaço reduzido, limitado à ponte. Havia leis que proibiam comer peixes fritos ou fritá-los a bordo, prática supersticiosa que traduzia a incompatibilidade entre consumo dos produtos do mar e uma boa travessia⁴⁴. A água potável era racionada e distribuída pela tripulação. Se bem que cidadão romano e tratado com humanidade (*philanthropia*) pelo centurião Iúlius, o estatuto de prisioneiro de Paulo não lhe permitia ter privilégios especiais.

Era Novembro. O vento nordeste, o aquilão de inverno, temido por todos os navegadores, começa a soprar com intensidade. Contrariando os avisos experimentados de Paulo para aportar em Creta, no abrigado porto de Gortina, o piloto segue precipitadamente a sua rota contornando a ilha para evitar os ventos contrários que sopravam da costa asiática e o navio é apanhado por uma violenta tempestade. Durante treze dias, o barco anda à deriva pelo mar Jónio, evitando contudo a costa africana. Paulo assistiu às manobras de navegação para evitar os escolhos e a uma das operações mais perigosas e ruinosas, conhecida por *embolé* (*iactus*). Na eminência de naufrágio, o *kybernetes* estava autorizado a lançar ao mar uma parte ou a totalidade da carga para aliviar

⁴³ O culto dos Dioscuros também está atestado no grande centro comercial de Alexandria, mas também havia outras divindades tutelares da navegação tais como Zeus Sóter e Atena Sotera, Asclépio e Dioniso, este não tanto como deus do vinho, mas como deus navegador. A epifania de Dioniso assinalava a abertura da época da navegação que, por sua vez, coincidia com a época em que frutificavam as vinhas. A constelação dos Dioscuros guiava os navegadores e sob a forma de fogo-de-santelmo anunciava o fim de uma tormenta

⁴⁴ Esta proibição manteve-se na famosa «lei marítima de Rodes». Cf. Rougé, 1975, 363 e Velissaropoulos, 1980, 74-77.

o navio. Esta operação estava sujeita a uma série de procedimentos jurídicos muito rigorosos e daí a presença no navio do *nauceros*, o representante do armador que registava toda a operação⁴⁵. Sabemos que os passageiros lançaram ao mar, primeiro a carga, depois a enxárcia e finalmente os próprios haveres. Perto da ilha de Malta, o navio acaba por naufragar. O primeiro impulso dos soldados foi lançar ao mar os prisioneiros, acto a que Paulo se opôs com a sua habitual e destemida argumentação. Paulo teve de nadar vigorosamente até chegar a terra firme na ilha de Malta (Actos, 27,11,44) e assim sobreviveu ao seu quarto e último naufrágio.

O autor dos Actos introduz aqui duas expressões de grande valor cultural, alusivas ao imaginário do mundo desconhecido, talvez numa vaga alusão ao mítico périplo de Ulisses: «*barbaroi*» e «*philanthropia*» (Actos 28,2). Os habitantes da ignota ilha de Malta não passam de bárbaros para aqueles marinheiros hostis, mas acolhem os náufragos segundo as leis sagradas da hospitalidade e facilmente se rendem aos conhecimentos médicos e aos poderes taumatúrgicos do herói dos Actos no bizarro episódio da víbora. Marie-Françoise Baslez⁴⁶ refere que o episódio da víbora não tem paralelo no Novo Testamento. Tratar-se-ia de mais um fenómeno portentoso (*mirabilia*) atribuído ao Apóstolo ou de um ordálio local a que se sujeitavam os taumaturgos da época, uma espécie de prova de veredictão destinada a testar os falsos e os verdadeiros profetas⁴⁷. Nada disto, porém, era novidade para Paulo, dada a sua cultura de *theios anér*, ou da sua experiência de taumaturgo e exorcista em Filipos, Listra ou Éfeso, cidade onde o misticismo e o racionalismo, a magia e a religião, Oriente e Ocidente confluem em torno do grande santuário de Ártemis⁴⁸. Recorde-se que foi em Éfeso que Paulo conheceu Apolo, um jovem Alexandrino imbuído de cultura clássica, conhecedor de todas as técnicas oratórias gregas. Depois de uma breve escala no porto cosmopolita de Puzoles, no golfo de Nápoles, Paulo chega finalmente a Roma seguindo a Via Ápia, percorrendo mais de 20km por dia.

⁴⁵ Se o navio conseguisse chegar a porto seguro, os danos causados aos proprietários das mercadorias perdidas deviam ser comparticipados por todos. Os encargos e a responsabilidade jurídica e civil que comportava tal operação são amplamente discutidos por Velissaropoulos, 1980, 319-328.

⁴⁶ Baslez, 2008, 97. O médico Celso (*Sobre a Medicina* 5.27.3c) conta que havia mágicos que introduziam as mãos na boca de serpentes venenosas que tinham sido previamente drogadas.

⁴⁷ A víbora foi objecto de curiosidade «científica» por parte de Aristóteles, *HA* 504b 34 e Plínio, *HN* 9.39.76; 32.5.14, que desenvolvem uma estranha teoria sobre os amores da víbora e da moreia. Curiosidade que se tornou pela primeira vez tema literário com Aquiles Tácio, *Leucipe e Clitofonte* 1.18. Como símbolo da fidelidade e do amor conjugal, o tópico teve eco na retórica cristã, vindo registado no *Emblematum Libellus* (1531) de André Alciato e na raríssima edição de Baltasar Moreto em 1647.

⁴⁸ É a chamada «penetração pacífica» do Ocidente pelo Oriente, como lembra Cumont, 1987, 18. Cf. Danielou, 1961; Bultmann, 1969.

A partir daqui, o que faz o homem é a sua relação com a lenda do herói fundador de comunidades ou do apóstolo viajante e infatigável que ainda anseia por conhecer os limites ocidentais do mundo, a *Occidua Plaga*. Assim nesta breve retrospectiva, o horizonte cultural do jovem Judeu de Tarso alargou-se e enriqueceu-se até aos extremos do mundo conhecido. Entre familiares e amigos, entre filósofos e retores, entre viagens e naufrágios, entre pagãos e convertidos ou entre o Oriente e o Ocidente, Paulo herdou, assimilou e fundiu o cosmopolitismo do mundo helenístico com o ecumenismo tão característico do primitivo mundo cristão.